

# Atelier 78



Mário Azevedo Cláudio Fonseca Anna Regina Aguiar Rogério Cavalcanti  
Valério Rodrigues Armando Matos Solange Oliveira Paulo Roberto Leal

7 de Março de 1987

te - Banco Central do Brasil - Av. Presidente Vargas, 730 - subsolo

## O ATELIÊ 78 EM 87

São tantas as histórias sobre a arte dos anos 80... Qual delas será a sua verdadeira História? De minha parte estou convencido de que a importância do *fazer*, da questão artesanal, da recuperação da figura do artista/artesão/operário caracteriza, acima de qualquer opção estética ou comportamentos pessoais, grande parte da produção dessa extremamente rica década da história da arte brasileira. Fazer alguma coisa, fazer arte: fazer gravura. Anacrônica senhora de tantos séculos, ei-la sempre entre nós, eternamente bela em seus mistérios, na sua clássica sina, suas feridas, sua ânsia em repetir a mesma imagem sem jamais alcançar... E insistir. Limpar, sujar, ferir, curar. Etapas que se seguem, que se sucedem, vida que transcorre. Gravura, portanto, é isso: tempo, processo, produção. Anos 80 é isso: recuperação do tempo passado, investimento nos processos do presente, confiança na produção do futuro.

São tantos os ateliês de arte dos anos 80... Interessa-me, acima de qualquer coisa, a reunião, o diálogo, a troca de idéias numa mesma sala, em torno da prensa, entre as imagens, entre as idéias. Eu conheço um ateliê: ele fica numa simpática casa azul e branca com o número 78 à entrada, numa tranqüila rua de Botafogo, entre crianças brincando nas calçadas e mecânicos de automóveis desmassando e soldando latarias. Pode ser mais adequado o local para uma oficina de gravura em metal? Pois é, nessa casa 78, os artistas que compõem a "sociedade" conversam, discutem, divertem-se e trabalham. Alguns se dedicam à gravura há muito tempo; outros dela somente agora se utilizam, no afã de desenvolver as suas pesquisas. O clima é o melhor que conheço, o melhor que a arte pode oferecer: capacidade e inteligência.

São tantas as produções da arte dos anos 80... Os oito artistas que integram o ateliê 78 desenvolvem suas pesquisas específicas, cada qual em sua linguagem própria. Entre os riscos que organizam

e constroem o movimento de Solange e a densa gestualidade de Armando; entre as formas generosas de Valério e o rigor sensível de Paulo; entre as reminiscências da paisagem de Anna Regina e a ironia entre gesto e construção de Rogério; entre as ousadas experimentações de Cláudio e a geometria orgânica e primeva de Mário, a arte tece e percorre seus diversos caminhos, comprometida com a multiplicidade de experiências sugeridas pela vida contemporânea. E é através desse feixe de fios, caracterizados pela diversidade, que a arte constrói a sua proposta para esse final de século. Se ampliar os horizontes é ampliar o raio da visão, é ampliar o espectro das coisas sensíveis instrumentalizadas pela inteligência, conquistar espaços de ação e adesão de outros colegas também faz parte dessa estratégia. Nessa terceira mostra coletiva do ateliê 78 foram convidados a participar os artistas Francisco Cunha, Beatriz Milhazes, Malu Fatorelli, Maria Lucia Cattani (um dos destaques da arte produzida no Rio Grande do Sul nessa década) e Anna Letycia, um dos grandes nomes da gravura brasileira contemporânea. Essa diversidade entre os nomes convidados é absolutamente coerente. Ela é consequência da própria dinâmica interna do ateliê; ela é o combustível da criatividade. Por fim, registre-se ser sugestivo o fato dessa exposição fazer parte das atividades artísticas, em nossa cidade, de uma instituição importante como o Banco Central. O sucesso dessa iniciativa, porém, depende da continuidade da programação e da seleção e organização das mostras a ser realizada de maneira consistente e profissional. Seguindo esse caminho, o público carioca estará seguro de frequentar um espaço que lhe permita manter contato próximo com a arte, extremamente rica e diversificada, produzida pelos artistas brasileiros comprometidos com o contemporâneo.

Marcus de Lontra Costa  
Rio, fevereiro, 1987

## ATELIER 78 EM 87

Anna Regina Aguiar – Armando Matos  
Cláudio Fonseca – Mário Azevedo  
Paulo Roberto Leal – Rogério Cavalcanti  
Solange Oliveira – Valério Rodrigues  
*Artistas Convidados:* Anna Letycia  
Beatriz Milhazes – Francisco Cunha  
Malu Fatorelli – Maria Lucia Cattani

De 17 a 27 de Março de 1987  
Inauguração, dia 17 às 18:00 horas  
Segunda a sexta de 10:00 às 16:30 horas

Av. Presidente Vargas, 730 — subsolo  
Ed. Sede do Departamento Regional do Rio de Janeiro  
Coordenação: Assessoria de Relações Públicas da Presidência

PAULO ROBERTO LEAL

artistas convidados:

SUZANA QUEIROGA

GIODANA HOLANDA

GALERIA VILLA RISO

Inauguração dia 29 de setembro às 21:00 h. De 29 de setembro a 19 de outubro de 1987, 2.ª feira a sábado das 14:00 às 19:00 h. Est. da Gávea, 728 - São Conrado • Tels. 274-1708 - 322-0899.

TELLIER 78 EM 87

GALERIA VILLA RISO

De 29 de setembro a  
19 de outubro de 1987  
de 2.ª feira a sábado  
das 14:00 às 19:00 h.



## ATELIER 78 EM 87

São tantos os ateliês de arte dos anos 80... Interessa-me, acima de qualquer coisa, a reunião, o diálogo, a troca de idéias numa mesma sala, em torno da prensa, entre as imagens, entre as idéias. Eu conheço um ateliê: ele fica numa simpática casa azul e branca com o número 78 à entrada, numa tranqüila rua de Botafogo, entre crianças brincando nas calçadas e mecânicos de automóveis desamassando e soldando latarias. Pode ser mais adequado o local para uma oficina de gravura em metal? Pois é, nessa casa 78, os artistas que compõem a "sociedade" conversam, discutem, divertem-se e trabalham. Alguns se dedicam à gravura há muito tempo; outros dela somente agora se utilizam, no afã de desenvolver as suas pesquisas. O clima é o melhor que conheço, o melhor que a arte pode oferecer: capacidade e inteligência.

São tantas as produções da arte dos anos 80... Os oito artistas que integram o ateliê 78 desenvolvem suas pesquisas específicas, cada qual em sua linguagem própria. Entre os riscos que organizam e constroem o movimento de Solange e a densa gestualidade de Armando; entre as formas generosas de Valério e o rigor sensível de Paulo; entre as reminiscências da paisagem de Anna Regina e a ironia entre o gesto e construção de Rogério; entre as ousadas experimentações de Cláudio e a geometria orgânica e primeva de Mário, a arte tece e percorre seus diversos caminhos, comprometida com a multiplicidade de experiências sugeridas pela vida contemporânea. E é através desse feixe de fios, caracterizados pela diversidade, que a arte constrói a sua proposta para esse final de século. Se ampliar os horizontes é ampliar o raio da visão, é ampliar o espectro das coisas sensíveis instrumentalizadas pela inteligência, conquistar espaços de ação.

Marçus de Lontra Costa  
Rio, 1987